

UMA UNIVERSIDADE AO SERVIÇO DA CIDADE



INTRODUÇÃO

Há muitos anos teve lugar em Portugal o I e único Congresso dos universitários católicos que preparámos durante dois anos.

Falávamos de Universidade - e a definição era clara, escorria pela história desde a Idade Média, e não imaginávamos sequer uma Universidade que não cobrisse todos os domínios do conhecimento e que não fosse genuinamente universal.

Descrevíamos a urgência da sua presença na sociedade - aparecíamos como indispensável o seu lugar de irradiação do saber, de liderança dos processos sociais, de estímulo da vida cultural e científica, de desenvolvimento das artes e das tecnologias.

Fundação Cuidar o Futuro

Tudo isso víamos como o serviço inerente à dívida que os estudantes haviam contraído para com a sociedade. Mas, mais ainda do que essa contabilidade evidente, o serviço da Universidade à cidade tinha para nós o rosto das mudanças que em todos os domínios era necessário realizar. Se abandonávamos a acção exclusiva de apoio directo aos pobres - que caracterizara as gerações universitárias da primeira metade do século XX, formadas pelo espírito generoso de Frederico Ozanam - era porque nos movia a convicção de que era possível mudar as estruturas sociais e criar novas condições para a existência humana.

Entretanto decorreu a segunda metade do século XX, essas décadas em que o espírito humano, na continuidade de grandes aberturas das primeiras décadas do século, deu saltos

espectaculares na interpretação dos fenómenos, na criação em todos os domínios, na articulação de todos os saberes. E com essa revolução do pensamento e do saber, mudou também a própria forma como penso lidar com o tema deste Forum.

Se eu conseguisse um método didáctico teria diante de mim uma tarefa que sistematizaria em três etapas:

Haveria que tentar clarificar o que se entende hoje por Universidade;

haveria que esboçar as grandes questões que caracterizam a cidade hoje;

e finalmente haveria que aprofundar a noção de serviço.



Fundação Cuidar o Futuro



I - OS CLÁSSICOS TÊM UM SÉCULO!

É a essa constatação - que considera o século XX como o tempo em que a humanidade foi mais longe do que em todo o seu percurso histórico - que se deve o que a meus olhos modifica a missão da Universidade no seio da cidade. Referi-la-ei a partir ou fazendo ressaltar as mudanças de paradigmas em que estamos a viver.

*Mudança de paradigma de 90 anos
foca as conclusões*

É hoje claro que *a história não é linear*. É hoje também claro que a sua evolução corresponde a bifurcações decisivas em momentos singulares, algumas conduzidas deliberadamente, outras tidas por vezes como resultado do acaso.

E, no entanto, a aprendizagem de qualquer sector do saber e do saber-fazer continua, quase sempre, a seguir placidamente o caminho de uma evolução lógica, sequencial e dedutiva.

Se a história não é linear, o ponto de entrada para o estudo, a aprendizagem, a compreensão dos fenómenos não pode situar-se fora da história, numa intemporalidade inexistente.

Para encontrar o seu lugar na cidade *a Universidade tem de partir da sua contemporaneidade*, não perder tempo a percorrer uma história exactamente pelos caminhos que víamos na perspectiva linear.

A grande aventura da Universidade é sair da prisão da reprodução social em que se enterra tempo e dinheiro e ousar olhar de frente o novo que está diante de si para, a um tempo, entender como se chegou onde estamos e ser capaz de dar novos passos.

Vou sonhar o que seria essa aventura... *em 90 os clássicos têm 1 século!*



Comecemos a Física pelos grandes debates do séc. XX - tentemos compreender se Einstein estava no caminho certo `a procura da equação que explicaria o mundo ou se, pelo contrário, as teorias do caos nos conduzem a soluções parcelares. Tentemos então refazer em flashback os caminhos de Heisenberg, de Max Planck, de Maxwell, de Newton até aos começos da Física.

Comecemos a Biologia pelas grandes questões da engenharia genética e um a um desenrolemos os fios do novelo de uma ciência que definitivamente eliminou a distinção entre a investigação pura e a investigação aplicada, até encontrarmos as primeiras experiências da biologia molecular.

Comecemos a Literatura por uma imersão total nos "grandes livros", sem preocupações de categorias como se tudo fosse também um universo de ondas electromagnéticas e depois, pouco a pouco, tentemos descobrir as frequências, as modulações, os significados desses significantes - os tempos, os lugares, os contextos, os costumes, as linguagens, os valores.

Comecemos a Sociologia pelas questões de que se fala todos os dias e que determinam a vida dos humanos hoje e tentemos compreender, etapa por etapa, como tudo era explicado quando as coisas eram mais simples e como à medida que foi necessário integrar novos factores surgiram mais adequados instrumentos e novas teorias.

(tive ocasião há uns meses de ouvir de uma jovem universitária uma resposta que me confirmou nesta perspectiva; à minha perguntaque me respondeu que foi a partir do rock'and roll que foi até ao jazz e daí à música clássica...)



É de um gigantesco processo de flashback que estou a falar. Seria assim que à partida eu veria a inserção da Universidade na cidade - tão actual, tão do nosso tempo que desposaria as grandes questões tais como elas surgem aos homens e às mulheres de hoje.

E porquê? Não me basta uma piedosa intenção de serviço à sociedade. Não é uma injunção moral que, do seu lugar de cristãos, os universitários católicos fazem à Universidade. Como todas as outras instituições, a universidade pertence ao aqui e agora em que experimentamos a nossa parcela de eternidade nesta terra.

Um livro editado pela John Hopkins University o ano passado tem como título "The responsive University" ('a universidade que é resposta'). Nessa qualidade de resposta se insere o princípio 'responsabilidade' que o filósofo alemão Hans Jonas elaborou como o princípio ético do nosso tempo. Aí se encontra a primeira linha de força da Universidade ao serviço da cidade.

Mas aí descobrimos também, enquanto cristãos, que o Mistério da Encarnação não é uma ideia abstracta para festejar com presépios e árvores de Natal e para transformar o maior acontecimento do mundo na chamada festa da família. O mistério da encarnação é tentar como Cristo entrar na história num tempo dado e com esse tempo fazer a nossa história pessoal e a história da sociedade, do mundo em que vivemos. *O Kairos da n/ presença ao mundo.*

instituições, a universidade pertence ao aqui e agora em que experimentamos a nossa parcela de eternidade nesta terra. Um livro editado pela John Hopkins University o ano passado tem como título "The responsive University" ('a universidade que é resposta'). Nessa qualidade de resposta se insere o princípio 'responsabilidade' que o filósofo alemão Hans Jonas elaborou como o princípio ético do nosso tempo. Aí se encontra a primeira linha de força da Universidade ao serviço da cidade.

II - A CULTURA DA UNIVERSIDADE COMO PRÁTICA DA TRANSDISCIPLINARIEDADE

A transformação da relação da Universidade com a cidade não se limita porém a esta concentração do tempo científico no último século e à exigência de contemporaneidade que daí decorre. A própria abordagem dos problemas tem de sofrer uma radical transformação. Os problemas da cidade deixaram de ser problemas isolados, de fronteiras bem definidas. As relações de causa a efeito deixaram de ser biunívocas para se tornarem num feixe de múltiplas relações causais. Esta característica de feixe supõe que os saberes se interpenetram, só nessa relação podem ser interpretados e estudados.

Estive nas últimas semanas nos Estados Unidos. Participei numa sessão de trabalho do Instituto Synergos (da palavra grega sinergia) de cujo Conselho Consultivo Internacional faço parte. A nossa tarefa consistia na preparação de um evento organizado todos os anos nas Nações Unidas e a que chamamos UNIVERSITY FOR A NIGHT. Durante uma noite, após uma sessão plenária, todos os participantes jantam à volta de mesas-redondas de 12 pessoas em que duas pessoas especialmente competentes no tema dessa mesa discutem com todas as outras o problema que lhes cabe. É sempre um sucesso. Sente-se no fim do serão que se aprendeu imenso - porque o tema interessa mesmo quem se reuniu à volta daquela mesa, porque se cruzam perspectivas vindas de lugares, saberes e experiências muito variados, porque os peritos escolhidos para cada mesa são pessoas que elaboram uma reflexão teórica sobre e a par da sua experiência. E ao pensar no tema de hoje dei comigo a pensar se aquilo que poderá parecer pretencioso - chamar UNIVERSIDADE a um serão - não tem afinal os ingredientes que gostaríamos de ver na Universidade.

~~transdisciplinarietà pg.189, 230 ---- pg.23~~

Todo o conjunto organizado possui qualidades que não existem em cada uma das partes e que, por sua vez, retroagem sobre cada uma das partes e sobre o todo. P.ex. uma sociedade que é um todo desta forma consegue dar um significado à vida de cada um dos seus membros, não por uma razão utilitária, mas por uma interdependência profunda entre todos. (Ex. Taizé)

Muita gente se interroga hoje sobre a reduzida influência da Universidade na cidade. Há um óbvio refúgio dos universitários sobre si próprios, sobretudo no modelo de Universidade-incubadora: estuda-se numa Universidade, vão-se obtendo os diplomas sucessivos, e depois fica-se na mesma Universidade a ensinar o que se aprendeu!



É a Universidade de 'in-breeding' ou da consanguinidade. Como dizia já há mais de uma década o historiador americano Russel Jacoby no livro "The last intellectuals", esses universitários 'em vez de escreverem para um largo público, escrevem uns para os outros, preocupando-se mais com a sua carreira do que com os problemas da cidade".



A Universidade contém um nomadismo de conceitos na transdisciplinaridade a q̄ deve corresponder t. um nomadismo de lugares.

Não é por acaso q̄ a UE estimula a possibilidade de estudantes terem parte do seu curriculum noutras Univ; em alguns países, como a Alemanha, essa mudança faz parte da cooperação entre Universidades.

~~substância vs. pro~~

Do ~~min~~ modo, t. hoje é desejável q̄ cerca de 50% do corpo docente venha de outras escolas e de outros domínios de actividade.

A \tilde{q} conduz essa transdisciplinaridade?
Paradoxalmente a necessidade de levar o
mais longe possível

a matriz de pensamento
 \tilde{q} caracteriza cada ramo do conhecimento.

É essa matriz \tilde{q} que permite a emergência
em outros domínios do saber
e o entrelaçamento of esses outros domínios.

(Não se trata de "acrescentar" a um
domínio pedaços de outro domínio
mas de os interligar ao nível
mais profundo de \tilde{q} formas capazes.)





II - A CULTURA DA UNIVERSIDADE COMO PRÁTICA DA TRANSDISCIPLINARIEDADE

A própria abordagem dos problemas tem de sofrer uma radical transformação. Até ao séc.XX - ou melhor até ao advento da teoria dos sistemas - os princípios orientadores eram a separação, a distinção entre as partes para chegar ao conhecimento do todo.

Os problemas da cidade deixaram de ser problemas isolados, de fronteiras bem definidas. As relações de causa a efeito deixaram de ser biunívocas para se tornarem num feixe de múltiplas relações causais. Esta característica de feixe supõe que os saberes se interpenetram, só nessa relação podem ser interpretados e estudados.

Estive nas últimas semanas nos Estados Unidos. Participei numa sessão de trabalho do Instituto Synergos (da palavra grega sinergia) de cujo Conselho Consultivo Internacional faço parte. A nossa tarefa consistia na preparação de um evento organizado todos os anos nas Nações Unidas e a que chamamos UNIVERSITY FOR A NIGHT. Durante uma noite, após uma sessão plenária, todos os participantes jantam à volta de mesas-redondas de 12 pessoas em que duas pessoas especialmente competentes no tema dessa mesa discutem com todas as outras o problema que lhes cabe. É sempre um sucesso. Sente-se no fim do serão que se aprendeu imenso - porque o tema interessa mesmo quem se reuniu à volta daquela mesa, porque se cruzam perspectivas vindas de lugares, saberes e experiências muito variados, porque os peritos escolhidos para cada mesa são pessoas que elaboram uma reflexão teórica sobre e a par da sua

parecer pretencioso - chamar UNIVERSIDADE a um serão - não tem afinal os ingredientes que gostaríamos de ver na Universidade.

O paradigma que caracteriza hoje o tratamento do saber é o princípio da transdisciplinariedade. Como diz Michel Rando "a ciência é uma questão posta à natureza e não uma maneira de reduzir a natureza à ciência". Grandes colóquios realizados ao longo das últimas décadas ilustram a rutura com a ideologia cientista e determinista da modernidade.

Obviamente o que é transdisciplinar não existe sem as disciplinas e os processos que as legitimam. Mas, como diz Edgar Morin,

"as disciplinas são perfeitamente justificadas intelectualmente com a condição de guardarem um campo de visão que reconheça e conceba a existência de ligações e solidariedades".

Vemo-nos paradoxalmente no que já dizia Pascal:

"todas coisas, sendo ao mesmo tempo causadas e causadoras, ajudadas e ajudando, mediatas e imediatas, e todas anoiando-se umas às outras por um laço natural

e insensível

q̄ liga as + distintas e as + diferentes,

considero impossível conhecer o todo

sem conhecer as partes

como considero impossível conhecer as partes

sem conhecer o todo."



experiência. E dei comigo a pensar se aquilo que poderá parecer pretencioso - chamar UNIVERSIDADE a um serão - não tem afinal os ingredientes que gostaríamos de ver na Universidade.

O paradigma que caracteriza hoje o tratamento do saber é o princípio da transdisciplinariedade. Como diz Michel Rando "a ciência é uma questão posta à natureza e não uma maneira de reduzir a natureza à ciência". Grandes colóquios realizados ao longo das últimas décadas ilustram a rutura com a ideologia cientista e determinista da modernidade.

Obviamente o que é transdisciplinar não existe sem as disciplinas e os processos que as legitimam. Mas, como diz Edgar Morin,

"as disciplinas são perfeitamente justificadas intelectualmente com a condição de guardarem um campo de visão que reconheça e conceba a existência de ligações e solidariedades".

Vemo-nos paradoxalmente no que já dizia Pascal:

"todas coisas sendo ao mesmo tempo causadas e causadoras, ajudadas e ajudando, mediatas e imediatas, e todas apoiando-se umas às outras por um laço natural



III. Da quantidade à qualidade

A terceira mudança de paradigma que me parece indispensável sublinhar é a que na década de 90 faz a passagem da quantidade à qualidade. Foi sobretudo, no mundo político, a ex-Primeira Ministra da Noruega que, enquanto especialista das questões ambientais e de desenvolvimento afirmou categoricamente que o mundo e o Planeta só teriam possibilidade de oferecer um quadro de vida adequado aos humanos se passássemos do paradigma da quantidade ao paradigma da qualidade.

O que tem isto que ver com a Universidade?

Dois pontos essenciais. *Dois pontos essenciais*

- o primeiro é o que considera a Universidade como uma empresa;
- o segundo é o que condiciona a escolha da entrada na Universidade às exigências do mercado.

São estas duas práticas que importa contestar pela ideologia que representam e, sobretudo, pela não exactidão dos seus postulados.

Assim, a Universidade como empresa equivale a atribuir à gestão da Universidade a categoria de fim, de definição de objectivos. Ora, a gestão, em qualquer instituição, é sempre um meio para assegurar que se realizam os fins próprios à instituição. Todos os argumentos pró e contra sobre orçamentos, pagamentos ou propinas não são senão uma subalternização do que, na ordem das coisas, é primeiro, isto é, a definição dos objectivos que cada universidade se propõe na sua relação com a cidade. Trata-se da invasão subtil da ideologia do mercado sem sequer ter sido feita a análise do



Fundação Cuidar o Futuro

que significa o mercado na economia de hoje.

Permito-me fazer aqui um excursus relativamente à preponderância dos valores e da linguagem económica em todas as actividades mesmo vincadamente científicos ou culturais.

Amartya Senn, por um lado, mais de trezentos economistas europeus por outro, disseram-no com veemência nos últimos anos: a economia não é equivalente exclusivamente à produção de riqueza. Nela convergem com igual peso três factores:

- . o factor do crescimento e da rentabilidade;
- . o factor social;
- . o factor ambiental.

É evidente que o factor social tem um certo relevo na economia, mas esse relevo não ^é senão ainda o resultado da mentalidade do princípio da industrialização, por isso, apesar da enorme mudança do sistema produtivo, o elemento trabalho continua a ser o único que é penalizado.

O factor ambiental permanece como uma fantasia romântica dos ecologistas ou dos verdes. Mesmo quando a Universidade fornece cursos e mesmo doutoramentos sobre questões ambientais fá-lo sem ter em linha de conta que tratar a fundo o factor ambiental equivale a mudar radicalmente as regras da economia.

Por isso, a Universidade tem que entender que a “boa gestão” não pode trazer, com o pretexto da modernidade, um modo de trabalho e uma organização interna da Universidade que nada tem que ver com a própria modernidade da economia. *ou com*

a própria modernidade π cont, como acabamos de ver. us

No que diz respeito ao acesso à universidade também o factor de inserção no mercado, embora não seja de desprezar, é



transcrita e publicada

subsidiário em relação à interrogação mais funda que o estudante tem necessariamente que se pôr: o que é mais urgente na sociedade? Com que domínio tenho mais afinidades? Qual é o meu sonho que quero realizar na vida profissional? Afinal, o estudante não é alheio à mudança de paradigmas que referi e, por isso, a questão não pode ser posta nos mesmos termos em que as gerações anteriores a haviam colocado. Neste período de transição que estamos a viver, o que é que é mais urgente no serviço da Cidade? Onde estão as novas fronteiras que importa alcançar para que a vida humana seja equacionada nos termos do nosso tempo, para que a vida humana seja vista, entendida e respondida como a mais complexa realidade do mundo vivo? E, finalmente, como é que, à hegemonia da quantidade – ilusória e destruidora – vamos responder com a qualidade simplificadora e libertadora?

Fundação Cuidar o Futuro

É esta interrogação que nos vai agora conduzir a duas grandes missões da Universidade neste tempo:

- . as condições para garantir a sobrevivência do mundo e do Planeta;
- . as novas dimensões que é necessário encontrar para que a organização da Cidade permita a liberdade de cada um e de todos.



IV. A Universidade assegura a sobrevivência da Cidade

As notícias de todos os dias trazem-nos a indicação do que estar a passar na Conferência das NU na Haia. Aí, os representantes de 180 países estão a tentar chegar a um acordo sobre um compromisso assumido em 1992, na Conferência do Rio sobre Ambiente e Desenvolvimento : Esse compromisso era essencialmente este: dada a enorme ameaça do aquecimento do clima para o equilíbrio da geografia física e humana do mundo, era necessário que os países se comprometessem a reduzir, até ao ano 2000, os gases que provocam o aquecimento do clima, até atingirem os níveis que tinham em 1990. Ora, no mundo industrializado, não só o compromisso não foi cumprido, como houve um aumento substancial da emissão desses gases na União Europeia, nos EUZ e na China. Tenta-se por isso na Haia garantir um consenso que salve de facto o Planeta de uma imensa catástrofe (Bangladesh, Pacífico, etc.)

O que está em causa?

Em primeiro lugar, os principais emissores de gases contribuem para o efeito de estufa, isto é, os que resultam da utilização dos combustíveis fósseis. É um problema, sem dúvida, da indústria, mas também dos transportes. A descoberta de uma utilização racional e não demasiado cara das energias renováveis impõe-se com a maior urgência. Daí, a necessidade do estudo das condições em que essas energias se tornam tão evidentes, como foram para as gerações precedentes, a queima do carvão e da lenha, e o estudo das condições necessárias para que essas energias possam ser



utilizadas (Manhattan, Universidade de Aix).

Em segundo lugar, as emissões de gases resultantes da actividade humana, questão que nos leva directamente ao problema do consumo, cujas raízes psicológicas e sociológicas foram brilhantemente estudadas, entre outros, por Braudillard. O consumo é um regresso ao canibalismo primitivo, em que se pretende “comer e digerir” tudo o que está disponível. Assim se explica o contágio do consumo dos bens culturais. Há aí uma questão ideológica, sem dúvida, mas há também, e sobretudo, um problema de iletrismo face aos próprios mecanismos que nos determinam e sobre nós agem.

Estará a Universidade preocupada com isto?

Na Conferência da Haia está também em discussão um problema da maior gravidade. Os países industrializados, com os EUA à frente, pretendem resolver o problema da emissão dos gases produtores do efeito de estufa comprando os direitos de emissão de gases aos países não-desenvolvidos – é o mercado em todo o esplendor da sua manha e da sua indiferença assassina. É que não só este mecanismo não pode de modo algum resolver as questões globais do clima, já que não há fronteiras na atmosfera, mas contribui para manter os países do Sul no subdesenvolvimento e na incapacidade de construir as infra-estruturas necessárias a uma qualidade de vida decente.

Onde estão os universitários que sobre esta questão se tenham pronunciado?

E qual é o lugar dos universitários cristãos na contestação que se impõe?

Vem-me ao espírito a parábola em que Jesus diz àqueles que



tomam cuidado dos bens que lhes são confiados: “intendentes bons e fieis, guardastes as coisas que o vosso Senhor vos confiou?” Mais longe ainda, podemos dizer que o que está em causa é a defesa da Vida. Por que veio Deus ao mundo? Cristo disse-o sem subterfúgios: “Vim para que tenhais a Vida e a Vida em abundância.”

V. A Universidade contribui para a organização da Cidade

O segundo exemplo que vou buscar à actualidade é, obviamente, o filme das inacreditáveis falhas das eleições presidenciais norte-americanas.

Ficáramos aqui uma tarde inteira a analisar os vários aspectos da democracia que estão em causa.

Em primeiríssimo lugar, a própria noção de democracia, quando é entendida unicamente como expressão de voto.

Fundação Cuidar o Futuro

Depois, os aspectos bem concretos que estão em causa: o anacronismo dos métodos seguidos, num país em que as revistas universitárias sobre questões políticas fazem escola no mundo inteiro. Na verdade, se é certo que em alguns municípios foi até possível votar por meios electrónicos, o problema de contagem que tem sido largamente exposto vêm de um tempo em que havia que salvaguardar a dificuldade de a contagem manual ser então realizada por pessoas que nem sequer tinham tido acesso à escola. Também, e no outro extremo no processo, a existência do colégio eleitoral, subvertendo totalmente o sufrágio universal (Vital Moreira), nos mostra bem como, nos princípios de uma democracia, se sacralizam facilmente os instrumentos que a codificaram no momento da sua inauguração.

Ao ouvirmos a referência à Constituição Americana como inatingível e não reformável, vemos que a Constituição é, para



os Norte-americanos, um elemento mítico, do tipo de uma relíquia que importa guardar intacta e sem qualquer contaminação vinda do nosso tempo (isto ajuda-me a compreender melhor por que razão nos anos 80, e apesar da mobilização de milhões de mulheres americanas, foi impossível fazer a emenda à Constituição que explicitasse a igualdade dos direitos entre os homens e as mulheres).

Mais grave do que este aspecto anacrónico, é a própria concepção da Lei. A lei com precedência sobre a vida, e não expressão actualizada dessa mesma vida.

De forma subliminar, mas bem patente, no modo como os dois grupos de têm confrontado, encontramos a avidez do poder: enquanto, por exemplo, o MPLA e a UNITA se confrontam, através de armas letais, os democratas e os republicanos confrontam-se com armas legais. Há, sem dúvida, uma diferença abissal, mas em ambos os casos é a apetência do poder e do domínio de uns sobre outros. (Papel dos universitários americanos)

Fundação Cuidar o Futuro

Ao falar dos EUA, não estou a desviar-me da situação concreta em que vivemos.

Também no nosso país será preciso que a universidade fuja à tentação de fazer parte da corte bem-pensante do poder, para desafiar esse mesmo poder no terreno em que, por excelência, a universidade tem que actuar: o terreno da modernidade, da imaginação, da resposta à complexidade das situações.

(Poema Ricardo Reis)

